



ABORDAGEM ALTERNATIVA EM SAÚDE MENTAL COM MULHERES PRIVADAS DE LIBERDADE: RELATO DA OFICINA DE MANDALAS

Magda Fabiana do Amaral Pereira Lima¹

Igor Nascimento da Silva²

Salisa Duarte Medeiros³

Alice Cristina Moreira Pinto⁴

Emile Rocha da Silva Paiva⁵

RESUMO

O encarceramento feminino apresenta crescentes desafios à saúde mental, sobretudo diante da precarização do sistema prisional brasileiro. Este relato de experiência objetiva descrever a ação extensionista de uma oficina de mandalas realizada com mulheres privadas de liberdade, como estratégia terapêutica alternativa de cuidado em saúde mental. A intervenção foi promovida pelo projeto Saúde dos Coletivos e Populações Vulneráveis, vinculado ao Departamento de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) e ocorreu em outubro de 2023 em uma penitenciária de Mossoró, Rio Grande do Norte. Participaram da ação 25 mulheres encarceradas, discentes e docente do curso de Enfermagem e profissionais da saúde prisional. As participantes demonstraram significativa adesão, utilizando materiais acessíveis para confecção de mandalas que simbolizavam sentimentos, memórias e desejos. Os resultados indicaram que a atividade promoveu momentos de escuta, acolhimento e fortalecimento de vínculos, contribuindo para o enfrentamento das dores psíquicas vivenciadas no cárcere. Além disso, possibilitou aos discentes uma reflexão crítica sobre o papel da enfermagem no cuidado humanizado em contextos de vulnerabilidade. Conclui-se que ações como essa são potentes ferramentas para ressignificar experiências dolorosas, promovendo saúde mental e valorizando a subjetividade das mulheres em privação de liberdade.

1 Docente na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Doutora em Cuidados Clínicos em Enfermagem e Saúde – Universidade Estadual do Ceará (UECE). magdafabiana@uern.br

2 Graduando em Enfermagem na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. igornsilva@alu.uern.br

3 Graduanda em Enfermagem na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. salisaduarte@alu.uern.br

4 Graduanda em Enfermagem na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. alicemoreira@alu.uern.br

5 Enfermeira - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Mestranda em Saúde e Sociedade - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). emilerspaiva@gmail.com

Palavras-chave: Saúde mental; Pessoas privadas de liberdade; Arteterapia, Enfermagem.

ABSTRACT

Female incarceration presents increasing challenges to mental health, especially given the precariousness of the Brazilian prison system. This experience report aims to describe the extension action of a mandala workshop held with women deprived of liberty, as an alternative therapeutic strategy for mental health care. The intervention was promoted by the Health of the Collective and Vulnerable Project, linked to the Nursing Department of the State University of Rio Grande do Norte, and took place in October 2023 at the Mossoró penitentiary, Rio Grande do Norte. Twenty-five incarcerated women, students and professors of the Nursing course, and prison health professionals participated in the action. The participants demonstrated significant adherence, using accessible materials to make mandalas that symbolized feelings, memories, and desires. The results indicated that the activity promoted moments of listening, acceptance, and strengthening of bonds, contributing to coping with the psychological pain experienced in prison. Furthermore, it enabled students to critically reflect on the role of nursing in humanized care in contexts of vulnerability. It is concluded that actions such as this are powerful tools for redefining painful experiences, promoting mental health and valuing the subjectivity of women deprived of liberty.

Keywords: mental health; people deprived of liberty; art therapy; nursing.

INTRODUÇÃO

O aprisionamento feminino tem crescido globalmente, em decorrência de fatores como políticas antidrogas ineficazes, desigualdade socioeconômica e criminalização de vulnerabilidades de gênero (Mota; Abreu, 2023). No Brasil, esse grupo cresceu de 45.743 em 2023 para 53.734 em 2024, sendo 29.137 presas em celas físicas, cujas condições são marcadas por superlotação, falta de higiene e infraestrutura inadequada, agravando riscos à saúde física e mental (Brasil, 2024; Barra et al., 2023).

Nesse contexto, 68,24% das detentas apresentam transtornos mentais comuns, como depressão e ansiedade, além das altas taxas de doenças infectocontagiosas (Infecções Sexualmente Transmissíveis, hepatites e tuberculose, por exemplo) e crônicas (hipertensão arterial sistêmica e diabetes mellitus), frequentemente negligenciadas pela assistência prisional (Campelo et al., 2023). A intersecção entre gênero, pobreza e encarceramento ainda expõe essas mulheres à violência institucional, como a falta de acesso aos exames ginecológicos e a separação abrupta de filhos (Scott Júnior; Coelho, 2023). Todas essas são questões que impactam diretamente na saúde psicoemocional das mulheres presas.

Em resposta ao histórico contexto de precarização da vida da mulher durante o encarceramento, foi institucionalizada em 2014 a Política Nacional de Atenção às Mulheres em situação de Privação de Liberdade e Egressas do Sistema Prisional (PNAMPE), através da Portaria Interministerial nº 210. Essa política representa um marco importante ao reconhecer as especificidades de gênero no sistema prisional,

propondo diretrizes-chaves para a humanização das condições durante o cumprimento da pena, com garantia do direito à saúde, atendimento psicossocial e demais direitos humanos, bem como o fomento à adoção de normas e procedimentos adequados às especificidades mentais (Brasil, 2014).

Embora a política busque enfrentar essas demandas através de práticas interdisciplinares e intersetoriais preconizadas (Brasil, 2014), sua implementação ainda é assimétrica. A exequibilidade de tais diretrizes práticas, portanto, exige estratégias alternativas em saúde mental que superem a exclusividade da psicofarmacoterapia, mas que adotem práticas integrativas e complementares em saúde e terapias holísticas - de grupo, de arte, meditação (Queiroz, 2023).

Dentre as terapias através da arte, a técnica de confecção de mandalas está associada ao potencial criativo do indivíduo, em suas expressões e comunicações. As mandalas são construções individuais ou grupais, amplamente utilizadas na arteterapia, consideradas símbolos de harmonia, integração e transformação. O termo 'Mandala' significa centro, circunferência ou círculo mágico. O trabalho com elas acompanha a criatividade humana e vale-se de materiais sintéticos ou naturais - tintas guache/acrílica/a óleo, giz de cera, lápis de cor; flores, plantas, terra, sementes e outros recursos naturais; papéis coloridos, linhas, lã, tecido, figuras - com técnicas únicas ou combinadas. O produto costuma emanar a profundidade das histórias de vida, situações interrompidas ou inacabadas, experiência presente, crenças, valores, filosofia de vida, religião, mecanismos de defesa, enfrentamentos, resistência e insights de difícil acesso. Ou seja, a mandala é um instrumento portador dos conteúdos emocionais do indivíduo que a produziu (Mendonça; Brito, 2017).

Tais abordagens alternativas têm demonstrado eficácia na redução de danos psicoemocionais e na reinserção social (Queiroz, 2023), mas, ao mesmo tempo, dependem de iniciativas locais e intersetoriais, com ênfase na articulação ensino-serviço-comunidade. A articulação ensino-serviço-comunidade na universidade é tangível através de projetos de extensão, que cumprem um papel social importante ao levar conhecimento e intervenções transformadoras para grupos que se encontram em situações de vulnerabilidades, como a população feminina privada de liberdade. Ao adentrar nesses espaços com abordagens alternativas, os projetos extensionistas rompem o isolamento e a invisibilidade impostos a essa população, dispondo não apenas de assistência à saúde e bem-estar, mas também possibilidades de resgate da dignidade, redução das desigualdades, erradicação da pobreza, fomento da justiça e de instituições eficazes, além de proporcionar uma formação em saúde crítico-reflexiva, transdisciplinar, com vistas à ampliação de visão de mundo e atuação profissional (Matos; Schott; Jardim, 2021; Barra et al., 2023; Organização das Nações Unidas, 2025).

Ante o exposto, o presente escrito tem como objetivo relatar a experiência de abordagem alternativa em saúde mental, desenvolvida através de oficina de mandalas, para mulheres privadas de liberdade no contexto prisional.

RELATO DA EXPERIÊNCIA

Trata-se de estudo que relata a experiência extensionista vinculada ao projeto Saúde dos Coletivos e Populações Vulneráveis (SAVU), associado ao Departamento

de Enfermagem, da Faculdade de Enfermagem, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (DEN/FAEN/UERN).

Desde 2022, o projeto SAVU direciona suas ações para as mais diversas populações, com foco nos grupos vulnerabilizados, como privados de liberdade, comunidades periféricas, trabalhadoras do sexo, pessoas em situação de rua e classe trabalhadora de Mossoró e região. Em que pese o foco nos grupos supracitados, o SAVU prestou cuidados em saúde à comunidade acadêmica da UERN (discentes, docentes, técnicos administrativos), trabalhadores do sistema prisional e população geral, em presídios (estaduais e federais), parques, praças, shopping center, escolas públicas, academias, farmácias, fábricas e comércios (Sistema de Informação e Gestão de Projetos, 2024).

O projeto atua na perspectiva da educação popular em saúde, dos direitos humanos, da determinação social do processo saúde-doença, da equidade, das necessidades em saúde, da enfermagem enquanto prática social, da transdisciplinaridade, da segurança do paciente, da promoção da saúde e prevenção de agravos (Sistema de Informação e Gestão de Projetos, 2024).

Articula ensino, pesquisa e extensão, uma vez que atua em ações externas, articuladas a disciplinas da grade curricular do curso de Enfermagem da FAEN (Saúde Mental, Semiologia e Semiotécnica, Saúde do Adulto, Necessidades em Saúde, Saúde Coletiva, disciplinas de pesquisa científica), quer seja agregando seus conteúdos, quer seja utilizando o campo extensionista como espaço de práticas e aperfeiçoamento de habilidades e competências. Ademais, consistiu em escopo de Unidade Curricular de Extensão e proporcionou debates teóricos e capacitações, por exemplo, em testagens rápidas para detecção de Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs). Sua articulação com a pesquisa é notória nos diversos artigos científicos publicados, resumos apresentados em eventos acadêmicos e trabalhos de conclusão de cursos advindos das ações e do campo de atuação do SAVU (Sistema de Informação e Gestão de Projetos, 2024).

Com mais de 3.600 pessoas atendidas em 2023 e 2024, o SAVU concatena com cinco dos 16 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS), a saber: ODS 1- Erradicação da pobreza, ODS 3 - Saúde e bem-estar, ODS 04 - Educação de qualidade, ODS 10 - Redução das desigualdades e ODS 16 - Paz, justiça e instituições eficazes. Por seu compromisso no segmento educação, recebeu a certificação do Selo ODS em 2023, atestando essa informação. Atualmente, permanece realizando ações mais articuladas à pesquisa acadêmica, socializando os produtos do trabalho desenvolvido até o início de 2025 e fortalecendo parcerias com mestrados acadêmicos e Unidade Regional de Saúde Pública (URSAP) sediada em Mossoró.

Materiais e métodos para execução da Oficina de Mandalas

O presente relato evidencia uma experiência intencional, voltada para a construção descritiva do conhecimento através de ações extensionistas junto a mulheres privadas de liberdade. É proveniente da aplicação de intervenção lúdica em saúde mental e possui características exploratórias e descritivas, uma vez que detalha a justificativa teórica da vivência relatada, responde perguntas - onde, quando,

como, quem participou - e apresenta os detalhes da experiência de forma acessível e replicável para acadêmicos e profissionais da área da saúde (Mussi; Flores; Almeida, 2021; Casarin; Porto, 2021; Lima et al., 2024).

O estudo não demandou aprovação em comitê de ética em pesquisa; contudo, seguiu a legislação brasileira, a ética profissional em seus preceitos e as normas de divulgação de dados da segurança pública (Casarin; Porto, 2021).

As ações aqui descritas ocorreram para mulheres encarceradas, durante a programação do Outubro Rosa de 2023, especificamente em 31 de outubro do referido ano, no Complexo Penal Estadual Agrícola Doutor Mário Negócio (CPEAMN). O Complexo está localizado no município de Mossoró, Rio Grande do Norte, Brasil e, no período da ação, apresentava 51 mulheres dentre as 768 pessoas presas em suas celas físicas. Faz parte das dez unidades prisionais estaduais do estado potiguar e alberga mulheres presas em regime provisório e sentenciado, no mesmo pavilhão (SISDEPEN, 2023).

O projeto SAVU organizou a ação em saúde mental para 25 presas, conforme demanda captada em reuniões entre a equipe de extensionistas e os trabalhadores da saúde prisional do local. A psicóloga que compõe a equipe de saúde prisional mencionou o alto acúmulo de estressores psicoemocionais entre as mulheres presas no Complexo, que reverbera em mais episódios de conflitos, agressões físicas e sofrimento psíquico do que nos homens encarcerados. A equipe colocou a necessidade de ações em saúde mental para minimizar os estressores e melhorar a convivência entre as presas.

Apresentada a demanda, a equipe do SAVU (docente e discentes) programou em conjunto com as trabalhadoras de saúde e segurança prisional a ação denominada “Oficina de Mandalas para Mulheres Privadas de Liberdade”. A atividade foi inspirada no momento proporcionado pela arteterapeuta mossoroense Patrícia Leite, junto aos docentes em Semana de Planejamento a convite do Departamento de Enfermagem (DEN/UERN) e, em outro momento, junto aos discentes por ocasião da aula do componente Saúde Mental.

A intervenção em questão consistiu em uma abordagem em saúde mental no Complexo Penal Mário Negócio, cuidadosamente planejada e conduzida pela docente coordenadora do SAVU e cinco profissionais da saúde prisional, com a participação de 6 discentes do quarto período da FAEN/UERN. O processo de preparação dos discentes envolveu reuniões presenciais e momentos formativos (Unidade Curricular de Extensão e componente Saúde Mental), com aulas expositivas e rodas de conversa que abordaram a realidade do sistema prisional brasileiro, com ênfase no contexto dos complexos penais femininos.

A ação teve como finalidade a promoção de um espaço de expressão, acolhimento e cuidado através da arte, com a confecção de mandalas como recurso terapêutico. Para a realização da oficina, foram utilizados materiais acessíveis e seguros, respeitando as normas de segurança da unidade prisional em questão. São eles: pratos de papelão na cor bege, 40 centímetros de diâmetro, tinta guache, canetas hidrocores variadas, lápis coloridos, novelos de lã multicores, massa de modelar escolar, revistas, lápis grafite, canetas, cola branca. Cada participante teve

total autonomia para a confecção de sua própria mandala, podendo expressar cores, formas e símbolos que representassem sentimentos, vivências e anseios para suas vidas.

Resultados e reflexões sobre a ação

A oficina foi recebida com entusiasmo pelas internas, que demonstraram considerável interesse e adesão à atividade. Muitas se emocionaram e se engajaram durante todo o processo, acolhendo a proposta como um momento simbólico de fuga da rotina e reconexão com aspectos fundamentais da vida, como memória, saudade, resiliência e esperança. Inseridas em contexto de isolamento social, escassez de atividades recreativas e ausência de visitas familiares, as participantes viram na oficina uma oportunidade rara de expressão, convivência e alívio emocional.

Durante a atividade, diversos temas foram discutidos de forma sensível, especialmente relacionados à saúde mental e às experiências vividas antes, durante e após a privação de liberdade. Na medida em que construíam suas mandalas e compartilhavam vivências, os diálogos fluíam naturalmente, abordando questões como o impacto emocional do encarceramento, os arrependimentos, os vínculos familiares interrompidos, os projetos de vida e as perspectivas futuras. Também houve espaço para refletir sobre autoestima, fé e solidariedade entre as internas, elementos que emergiram como importantes estratégias de enfrentamento do sofrimento psíquico.

A experiência evidenciou contribuições significativas para a saúde mental e a capacidade de autoexpressão das mulheres privadas de liberdade. A proposta de criar mandalas com base em aspectos positivos de suas vidas, dentro ou fora do cárcere, foi bem acolhida pela maioria, que realizou a atividade de forma individual ou, em alguns casos, em duplas (figura 01). Mesmo aquelas que inicialmente se mostraram resistentes, ao observarem o envolvimento das colegas, foram se sentindo motivadas e, de forma espontânea, decidiram participar, reconhecendo o caráter lúdico, criativo e acolhedor da dinâmica.

Durante a construção das mandalas, muitas relataram vivências marcadas por abandono familiar, ausência de visitas e uma sensação profunda de desconexão com a vida fora da penitenciária. Essas experiências acentuam sentimentos de tristeza, solidão, saudade e angústia. Algumas descreveram a vida antes da prisão como algo distante, mas ainda lembrado com saudade.

Figura 01 – Parcela das mandalas produzidas durante a oficina com mulheres privadas de liberdade.



Fonte: acervo do Projeto SAVU.

As mandalas produzidas apresentaram, em sua estrutura, elementos simples como corações, flores, árvores, sol, cachorro, plantas, nomes de familiares, palavras como 'fé' e 'liberdade', formas orgânicas corporais (si próprias, filhos, outros familiares) revelando tanto vínculos afetivos quanto aspirações futuras. O uso predominante de cores vibrantes refletia sentimentos de caráter positivo, enquanto algumas mandalas apresentavam tons mais sóbrios, remetendo a estados de introspecção (figura 01).

Em seguida, após a confecção, houve um momento de exposição de seus trabalhos, no qual elas voluntariamente expunham e explicavam os elementos de suas mandalas. Nesse momento, muitas falaram abertamente sobre seus quadros de saúde mental, patologias, motivos do encarceramento, sobre as relações com suas famílias e sentimentos relacionados a eles. Consistiu em momento de suma importância para gerar uma conexão entre as mulheres e os acadêmicos, possibilitando a externalização de sentimentos muitas vezes reprimidos durante o dia a dia. Além disso, possibilitou a criação de empatia e vínculo entre as encarceradas, ajudando a contribuir com a criação de elos que podem diminuir a frequência de conflitos e agressões físicas.

Para os discentes envolvidos na ação, a experiência foi marcada por intensas reflexões sobre o papel da enfermagem na promoção de saúde mental em contextos sociais de vulnerabilidades. A aproximação com a realidade prisional provocou sentimentos ambíguos, como empatia, indignação e um senso de responsabilidade

social. Além disso, a oficina proporcionou um novo olhar sobre o cuidado em saúde, para além do modelo biomédico, ressaltando a importância das práticas integrativas, da escuta ativa e do cuidado centrado na pessoa e suas necessidades.

A experiência prática em contextos como esse, enriquece a formação acadêmica dos estudantes, que passam a compreender na prática as interseções entre gênero, saúde e justiça. Ao promover oficinas, rodas de conversas e outras atividades, a universidade abre caminhos para que essas mulheres sejam vistas além dos seus delitos, como sujeitos de direitos e de transformação.

O enfermeiro tem, ainda, o papel de proporcionar ações de saúde mental com abordagens que ultrapassem os atendimentos tradicionais e recorrentes dos psiquiatras e psicólogos e a utilização de psicotrópicos. Os grupos terapêuticos, amplamente desenvolvidos e sustentados por enfermeiros na Atenção Primária à Saúde (APS) apresentam-se como ferramentas inovadoras para abordar a saúde mental e avançar nas práticas humanizadas de cuidado e devem ser introduzidos no ambiente penitenciário (Silva et al., 2017; Souza et al., 2021; Teixeira et al., 2021). Nesse sentido, a abordagem aqui relatada é importante diante da sua execução que ultrapassa a farmacoterapia para o tratamento de questões mentais das encarceradas.

Por fim, a experiência e contato com as mulheres privadas de liberdade durante a construção das mandalas contribuiu para compor um dos pilares da formação universitária: a extensão. Projetos como o SAVU enriquecem a interação entre universidade e sociedade, numa troca para a construção acadêmica e social dos envolvidos. Dessa forma, impacta-se na formação de uma universidade referenciada e socialmente ativa e que caminha rumo aos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, beneficiando discentes, docentes, grupos vulnerabilizados, a academia e a sociedade. Nesse contexto, fortalece-se uma sociedade com profissionais da enfermagem mais humanizados e cientes da importância terapêutica e não farmacológica para grupos vulnerabilizados. Assim, constrói-se um Sistema Único de Saúde (SUS) mais potente em direção a cumprir princípios e diretrizes de levar a saúde a toda população.

CONCLUSÃO

Diante do exposto, cabe aos segmentos sociais como profissionais da saúde, em especial da enfermagem, discentes e comunidade acadêmica em geral, desenvolver ações que reduzam os impactos da realidade social e psicológica das mulheres encarceradas em sua saúde. Ações como a oficina de mandalas são potentes ferramentas para ressignificar experiências dolorosas, promovendo saúde mental e valorizando a subjetividade das mulheres em privação de liberdade.

Para tanto, são necessárias ações pautadas nos conceitos de humanidade, integralidade, equidade e intersetorialidade, com foco na erradicação da pobreza, saúde e bem-estar, educação de qualidade, redução das desigualdades, paz, justiça e instituições eficazes, considerando as diferentes necessidades desse público, a fim de facilitar sua vivência.

Vale destacar que o presente escrito consiste em ferramenta de difusão de informações provenientes da experiência de extensionistas universitários, ato necessário para valorização da transdisciplinaridade, extensão, formação crítico-

reflexiva, socialização de experiências salutareas e visibilidade para públicos vulnerabilizados. É necessário que estudos de campo permaneçam acontecendo sobre realidade das mulheres privadas de liberdade e sejam ampliados o número de manuscritos que elucidam tal contexto de vida.

REFERÊNCIAS

BARRA, B. L. L. et al. Ações em saúde para mulheres privadas de liberdade: relato de experiência. **Revista Extendere**, v. 9, n. 1, p. 16–27, jan.-jul. 2023. Disponível em: <https://extendere.uern.br/index.php/extendere/article/view/671>. Acesso em: 29 jun. 2025.

BRASIL. Ministério da Justiça e Segurança Pública. Secretaria Nacional de Políticas Penais. **Levantamento de informações penitenciárias 2024/2**. Brasília: Ministério da Justiça e Segurança Pública, 2024. Disponível em: <https://app.powerbi.com/view?r=eyJrIjoiaMDY2ODEzOTgtYmJIMy00ZmVhLWlWMTETMTJjZDQwZWRIYjdhli-widCI6ImViMDkwNDIwLTQ0NGMtNDNmNy05MWYyLTQiOGRhNmJmZThIMSJ9>. Acesso em 25 jun. 2025.

BRASIL. Ministério da Justiça; Secretaria de Políticas para as Mulheres. **Portaria Interministerial nº 210, de 16 de janeiro de 2014**. Institui a Política Nacional de Atenção às Mulheres em Situação de Privação de Liberdade e Egressas do Sistema Prisional, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Seção 1, p. 75, 17 jan. 2014. Disponível em: https://dspace.mj.gov.br/bitstream/1/361/3/PRI_GM_2014_210.html. Acesso em: 29 jun. 2025.

CAMPELO, I. L. B. et al. Acesso e cuidado a saúde de mulheres privadas de liberdade na penitenciária cearense. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 29, n. 6, p. e09172023, jun. 2024.

CASARIN, S.T.; PORTO, A.R. Relato de experiência e estudo de caso: algumas considerações. **JONAH** [Internet], 2021 [cited 2024 Nov 23]:11(2). Available from: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/enfermagem/article/view/21998>.

LIMA, M. F. A. P. et al. Pesquisa em saúde no contexto prisional brasileiro: revisão de escopo. **Revista Contribuciones a las ciencias sociales**, v. 17, n. 3, 2024. Disponível em: <https://ojs.revistacontribuciones.com/ojs/index.php/clcs/article/view/5913>. Acesso em: 28 jun. 2025.

MATOS, L. E. O.; SCHOTT, M.; JARDIM, R. Olhares discentes para a integração ensino-serviço-comunidade na formação em saúde. **Saberes Plurais: Educação na Saúde**, [S. l.], v. 5, n. 1, p. 133–150, 2021. DOI: 10.54909/sp.v5i1.112630 Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/index.php/saberesplurais/article/view/112630>. Acesso em: 20 jun. 2025.

MENDONÇA, B. I. O; BRITO, M. A. Q. Mandalas como recurso terapêutico na prática da Gestalt-Terapia. **IGT na Rede** [online], Rio de Janeiro, v. 14, n. 27, p. 273–290, 2017. ISSN 1807-2526. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1807-25262017000200009. Acesso em: 29 jun. 2025.

MOTA, J. M.; ABREU, N. G. M. O sistema prisional feminino sob a ótica da questão de

gênero. **Revista Contexto Jurídico**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 1-32, 2023. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&opi=89978449&url=https://www.e-publicacoes.uerj.br/contexto/article/download/85568/52803/333719&ved=2ahUKEwIj187sspaNAxURJ7kGHS5FJqwQFnoECDgQAQ&usg=AOvVaw15sv0T-7tdE30MISKfdSL8P>. Acesso em: 09 mai. 2025.

MUSSI, R. F. F.; FLORES, F. F.; ALMEIDA, C. B. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Práxis Educacional** [Internet], 2021 [cited 2023 Apr 12];17:60-77. Available from: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/9010>.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS – BRASIL. Objetivos de Desenvolvimento **Sustentável – ODS**. ONU Brasil [online]. São Paulo, s.d. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>. Acesso em: 29 jun. 2025.

QUEIROZ, C. C. S. F. Reabilitação da saúde mental de mulheres encarceradas: alternativas terapêuticas para depressão e ansiedade. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação – REASE**, São Paulo, v. 9, n. 9, p. 3898–3907, set. 2023. ISSN 2675-3375. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/11464/5144>. Acesso em: 29 jun. 2025.

SCOTT JÚNIOR, V.; COELHO, D. C. S. M. Vulnerabilidade de mulheres encarceradas: fatores educacionais no panorama brasileiro. **Revista da Faculdade Mineira de Direito**, v. 26, n. 52, p. 258-281, 2023.

SILVA, J. N. M. et al. Reativação de grupo em saúde mental por meio da redução de danos. **Revista Extendere**, v. 5, n. 1, 2017. Disponível em: <https://periodicos.apps.uern.br/index.php/EXT/article/view/4177>. Acesso em: 20 mai. 2025.

SISDEPEN. Ministério da Justiça e Segurança Pública. Secretaria Nacional de Políticas Penais. **Dados Estatísticos do Sistema Penitenciário**. Brasília: Ministério da Justiça e Segurança Pública; 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/senappen/pt-br/servicos/sisdepen>. Acesso em: 18 jun. 2025.

SOUZA, L. C. et al. Atenção Primária à Saúde para mulheres privadas de liberdade. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 13, n. 5, 2021. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/7388>. Acesso em: 13 jun. 2025.

TEIXEIRA, H. E. et al. Intervenções de manejo do enfermeiro frente ao comportamento suicida em adolescentes. **Revista de trabalhos acadêmicos**, v. 1, n. 5, 2021. Disponível em: <http://revista.universo.edu.br/index.php?journal=3universobelo Horizonte3&page=article&op=view&path%5B%5D=8920>. Acesso em: 20 mai. 2025.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE (UERN). **Sistema de Informação e Gestão de Projetos – SIGProj**. [S. l.], 2024. Disponível em: <https://sigproj.uern.br/>. Acesso em: 29 jun. 2025.